

# Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

## **ARA ROMANA DE SANTA MARIA DO CONDADO, OURENSE.**

BOUZA-BREY, Fermin

Ano: 1948 | Número: 58

---

### **Como citar este documento:**

BOUZA-BREY, Fermin, Ara romana de Santa Maria do Condado, Ourense. *Revista de Guimarães*, 58 (3-4) Jul.-Dez. 1948, p. 225-230.

---

Casa de Sarmento  
Centro de Estudos do Património  
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51  
4800-432 Guimarães

E-mail: [geral@csarmento.uminho.pt](mailto:geral@csarmento.uminho.pt)

URL: [www.csarmento.uminho.pt](http://www.csarmento.uminho.pt)



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

## Ara romana de Santa Maria do Condado (Ourense)

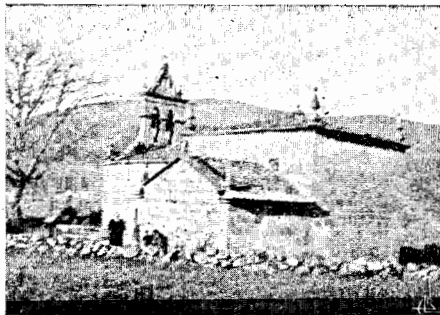
---

A actual paróquia de Santa Maria do Condado, pertencente ao município de Padrenda, na província de Ourense, teve outrora a designação de Santa Maria do Hospital, devido sem dúvida ao refúgio que naquelas imediações existiria, segundo temos ouvido dizer, destinado a acudir aos peregrinos que de terras portuguesas por ali passavam a caminho de Santiago de Compostela.

Fica situada a pequena distância da fronteira galaico-minhota, na raia seca, sendo a mais próxima povoação lusitana de certa importância a de S. Gregório, correspondente ao núcleo espanhol de Puente Barjas.

Na área desta paróquia existe um caminho antigo, lajeado, descendo até ao Minho, rio que seria ali atravessado em barcas pelos peregrinos medievais. A existência desse caminho' levou-nos a concluir que ele fosse o sucessor de qualquer rota primitiva, ou via romana secundária, que através destas paragens ligasse povoados da antiga *Gallaetia*.

Em 16 de Outubro de 1942, eu e meu cunhado,



*Igreja paroquial de Santa Maria do Condado (Ourense), onde se conserva a ara romana.*

oficial do Estado Maior, D. Waldo Leirós Freire, a quem devo as fotografias que documentam esta nota, visitamos a Igreja paroquial de Santa Maria do Conado, sob um sol pálido de Outono, acentuando a melancolia que ao singelo monumento religioso imprimia a solidão e afastamento do povoado.

Exteriormente nada revela antiguidade. Sobre uma pequena porta lateral lê-se a inscrição: ANO DE 1794, que parece ser a da conclusão da obra, atendendo a determinados elementos barrocos e aos próprios altares talhados em madeira. Entrando no templo, apenas chama a nossa atenção, ao lado da referida porta lateral e servindo de pia de água benta, a formosa ara de granito que constitui o objecto destas notas.

A existência desta ara romana, utilizada para um serviço tão importante dentro da liturgia cristã; o antigo caminho aludido, que passa próximo; o afastamento deste edifício religioso, único no âmbito paroquial, das vivendas vizinhas; e, finalmente, a localização da referida igreja numa elevação sobranceira ao rio Minho, são circunstâncias que parecem concorrer para nos revelarem um antigo lugar de culto pagão, o qual, santificado pela Igreja Católica, daria motivo a que ali se reedificasse, em tempos já relativamente modernos, o templo cristão, apesar do desconforto que para o exercício do culto representava a escolha deste sítio.

A ara, que é de granito, como dissemos, encontra-se livre, solta, isto é, com a parte inferior, sem qualquer apicoado, para ser enterrada, simplesmente assente sobre o lajeado do templo paroquial. O lugar que ocupava o antigo *focus* foi alargado e aprofundado de modo a comportar a maior quantidade possível de água benta, desde que foi destinado a esta aplicação.

Tem a altura total de 78 cm., por 29 de largo, medida tomada na parte central. As letras medem 7 cm., salvo as da última linha que têm apenas 6.

Apresenta três molduras semi-cilíndricas na parte superior, a de cima mais volumosa, molduras estas que apenas acompanham a parte da frente. Logo

abaixo delas, encontra-se profundamente gravada, esta interessante inscrição:

(*inédita*)

|   |          |
|---|----------|
| 1 | SVLEH    |
| 2 | SANTV    |
| 3 | GAICIS   |
| 4 | FLAVSA   |
| 5 | NSFLAVSI |
| 6 | V·S·L·M  |

Que lemos deste modo:

*Sulen san(c)tu Gaicis Flausanus Flausi v(otum)  
s(olvit) l(ibens) m(erito).*

Ou seja:

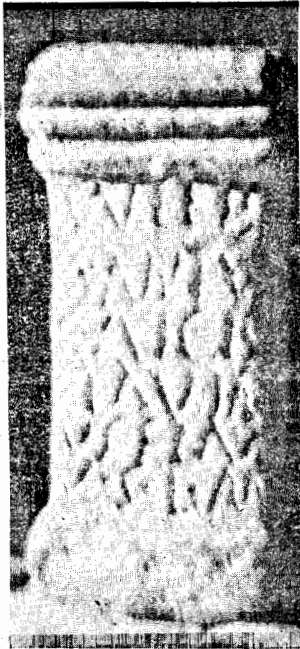
*Ao Sol santo, Gaicis Flausano, filho de Flauso,  
cumpriu de boa vontade este voto.*

Esta tradução requer certas explicações, de harmonia com as particularidades da epígrafe de que nos estamos ocupando.

Em primeiro lugar diremos que as letras, bem gravadas e bem formadas, tendentes em geral ao tipo quadrado, apresentam duas excepções muito caracterizadas. Uma delas é a da letra *S*, abundante na epígrafe (repetida seis vezes), que aparece muito alongada, quase uma recta, a ponto de, por vezes, à simples vista e sem o auxílio do tacto, poder ser tomada por um *I*, o que nos levaria a ler *Flavianus*, na 4.ª linha; mas essa leitura de forma alguma pode aceitar-se, visto ser absolutamente segura a leitura de *Flausanus*. Acentuamos este ponto, que cuidadosamente verificamos, para que não possa subsistir a menor dúvida no espírito do leitor.

Outra particularidade paleográfica é constituída pelo *A*, representado na inscrição por cinco exemplares. Dois deles sem travessão, num dos quais um dos traços oblíquos sobressai, prolongado para a parte superior.

Tais singularidades podem servir-nos para estabelecer uma conjectura sobre a data, pelo menos aproximada, da epígrafe de Santa Maria do Condado pois que apesar de os *SS* alongados e quase rectos se encontrarem nas epígrafes latinas do séc. II a. C., os *AA* com o prolongamento na forma descrita são típi-



S V L E H  
 S A N T V  
 C A I C I S  
 F L A V S A  
 V S F L A S  
 V S L M

*Ara romana de Santa Maria do Condado (Ourense).*

cos da época dos Flávios, cerca do final do séc. I de J. C., o que nos autoriza a atribuir ao séc. II da nossa era a ara descrita, considerando o atraso próprio da epigrafia colonial.

Quanto à ortografia é singular o emprego de *V* por *O* em *SANTV*, o que nos leva a ler *SOL...* no *SVL...* da 1.<sup>a</sup> linha. E não temos dúvida em interpretar como *N* o *H* da mesma linha, porquanto nos parece a leitura mais adequada, visto ser esta uma característica da epigrafia romana da Galiza, já notada

em duas inscrições da província de Lugo, ambas dedicadas à deusa *Convetina*, uma delas publicada e lida por Monteagudo (1), e a outra publicada, mas não lida, por Wickert (2), que diz nas primeiras linhas CVHVE BERRAL, e que nós supomos poder atribuir igualmente àquela deusa, lendo o *H* como *N*: CVNVE(=TENA), tal como na lida por Monteagudo.

Isto nos leva a crer que a divindade encoberta na 1.ª linha, que à primeira vista nos parecia inédita no panteão galaico, deva ser simplesmente identificada com o *Sol*, tanto mais que o qualificativo de «santo» e «invicto» o acompanha noutros exemplares epigráficos.

Mais alguns esclarecimentos de carácter ortográfico se tornam aqui necessários. Lemos *Flausanus*, porque na 5.ª linha, posto que à primeira vista não se percebem mais que dois traços do *N*, formando um *V*, nota-se que o outro traço foi submetido a desgaste, visto encontrar-se muito próximo do bordo do campo da inscrição, tornando-se portanto necessário interpretar o conjunto como a união do *N* com *V*, ou suprir a falta do *V*. Lemos *Flausi* porque, examinando detidamente a referida 5.ª linha da epígrafe, vemos um curioso enlace do *V* e do *S*, consistindo num traço recto, inclinado, que na parte inferior se une a outro traço sinuoso, semelhante aos *SS* ligeiramente encurvados, característicos desta inscrição, como já apontamos.

No fim da mesma linha, um pequeno traço rectilíneo consideramo-lo como o resto do *I*, que igualmente sofreu desgaste, por se encontrar na extremidade do campo.

Do nome *Gaucis* ignoramos, de momento, qualquer paralelo. De *Flaus*, *Flausanus*, podemos citar, sem mais rebuscas, o Museu da Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, na antiga *Gallaetia* portanto,

(1) LUÍS MONTEAGUDO: «De la Galicia romana. Ara de Parga dedicada a Coventina», in *Archivo Español de Arqueología*, Madrid, 1947.

(2) LOTHAR WICKERT: «Bericht über eine zweite Reise zur Vorbereitung von CIL II suppl. 2». *Actas da Academia de Ciências da Prussia*, vol. XXXII, 1931, p. 17.

onde existe um *Flaus*, na inscrição dedicada à divindade Brigo. E no Museu de Pontevedra guardam-se apontamentos do Arqueólogo D. Casto Sampedro referentes aos restos de uma inscrição votiva achada em Sayar (Caldas de Reis), na qual figura também um *Flaus*, e em cuja cópia enviada pelo investigador D. Pablo Pérez Constanti, Sampedro anotou — *Flavius*, com interrogação.

E' possível que em tais irregularidades ortográficas como as apontadas, haja influido a pronúncia da língua indígena, difficilmente desarraigada nas longínquas paragens de onde procede a ara que acabamos de estudar.

F. BOUZA-BREY.